

A MULHER QUE PASSOU O CARNAVAL NO INFERNO



Autor: EROTILDES MIRANDA DOS SANTOS

A Mulher que passou o Carnaval no Inferno

Leitores eu vou contar
Um caso interessante
Que se deu com uma moça
Filha dum comerciante
No Estado de Goiás
Ela junto com os pais
Vivia bem triunfante

Chamava-se Guiomar
Essa deusa de candura
Filha de Pedro Moreira
E de Maria Ventura
Frequentava tôda farra
E naquele agarra, agarra
Desfrutava a formosura

Carnaval aproximava
Prá velho e prá moderno
Nesse ano em Goiás
Houve até um bom inverno
Ela disse ao pessoal
Que naquele carnaval
Brincava até no inferno

Muitos disseram, senhora
Não diga uma coisa dessa
Ela disse, não tem nada
Comigo a hora é essa
Se lá der boas folias
Eu brinco todos três dias
Embora volte azavessa

A mãe deu muito conselho
Mas não adiantou nada
O pai também reclamou
Ela se deu por zangada
E pensando na folia
Preparava a fantasia
Prá cair na batucada

Parece que Satanás
Estava pertinho dela
Ouvindo tôda conversa
Preparou a esparrela
Quando Carnaval chegou
Ele se aproximou
Prá carregar a donzela

Domingo de Carnaval
Era grande animação
Os bailes estavam cheios
Repleto todo salão
Quanda Satanás chegou
Com um bloco que levou
Foi grande admiração

O bloco tinha por nome
Batuqueiro Fôr do Mal
Guiomar estava pronta
Naquela hora fatal
Com a sua fantasia
Caiu dentro da folia
No frevo do Carnaval

Pelas ruas principais
O bloco foi desfilando
Guiomar bem satisfeita
No meio deles pulando
Quando eles foram embora
Guiomar naquela hora
Também foi se rebolando

Gostando bem da folia
Todo cão lhe agarrava
Quanto mais ia seguindo
Mais ela se animava
Pensando estar na rua
Mas pelas palavras sua
No inferno já chegava

Aí foi que ela viu
Que não era mais Goiás
Ali era o inferno
Morada de Satanás
Lucifer lhe abraçou
E disse, quem lhe mandou
Desse tipo mande mais

Desta hora por diante
A coisa mais esquentou
A turma tôda cantava
É com esse que eu vou
Quebra-quebra guabiraba
Eu quero comer guaiaba
Que a mula já mancou

Guiomar ficou ali
Num canto paralizada
Sem saber o que fazia
Com a mente perturbada
Lucifer disse prá ela
Vá brincar minha donzela
Não quero lhe ver parada

Você gosta de folia
Caia dentro do batuque
Ali foi chegando um cão
Por nome de fuque-fuque
Dizendo vamos brincar
Venha logo Guiomar
Antes que eu lhe futuque

E agarrou pelo braço
Jogou dentro dos brazeiros
Guiomar gritou socorro
No maior dos desesperos
Satanás de lá ouvindo
Daquilo ficou sorrindo
Dizendo bons batuqueiros

Guiomar gritava tanto
Sem ninguém prá lhe acalmar
A turma ia cantando
Mamãe eu quero mamar
E um cão chamado Cule
Só cantava bule-bule
Sorrindo prá se danar

Tinha um cão que cantava
Um twist bem moderno
Pedindo para você
Lhe aquecer nesse inverno
Por ter perdido a paz
Queria que tudo mais
Fosse lá prá o inferno

Depois a turma cantou
O sonho do Juvenal
Lucifer gostou bastante
E achou tão colossal
Que pediu prá repetir
Prá ele se sacudir
Naquele frevo infernal

E pegando Guiomar
Saiu pulando no fogo
Ela gritava me solte
Não aguento êsse jôgo
Ele disse Guiomar
Você tem que aguentar
Aqui não tolero rôgo

Tinha um diabo velho
Puxando uma cuica
Era um couro de boi
Na bôca duma barrica
Xameigo puxava o role
Dizendo, Diabo mole
Comigo aqui não fica

Manda Braza, satisfeito
Tocava no seu tambor
Farrapo no tamborim
Era quase professor
Quixabeira no piston
Solando aquilo bom
Demonstrava seu valor

Satanás no contra-baixo
Tocava com perfeição
Falscar no clarinêto
Bicudo no bombardão
Boquinha tocava surdo
Sai de baixo era mudo
Não tocava nada não

O cão coxo farriava
Apoiado na moiêta
Pois as pernas eram tortas
Por ter nascido zambêta
Pulava tomando pinga
E cheirando pó de binga
Mas era bom na cornêta

Terça-feira meia noite
Terminou tôda folia
Lucifer chamou Trompasso
Por esta forma dizia
Pegue a Burra Flôr da Louça
E vá levar essa moça
Antes do romper do dia

E disse prá Guiomar
Vou lhe pedir um favor
De levar esta cartinha
E entregar ao cantor
Roberto Carlos, filinha
Que com aquela modinha
Fêz de mim um sofredor

Guiomar estava ali
Quase morta de cansaço
O corpo todo queimado
A roupa virou bagaço
Os pés estavam chagados
Os cabelos sapecados
Daquele festim devasso

Trompasso chegou montado
Na garupa montou ela
Ele disse feche os olhos
Quando passar na cancela
Ela lhe obedeceu
E quando estremeceu
Estava na casa dela

Aí não viu mais o cão
Nem soube como chegou
Dona Maria chorando
Com ela se abraçou
E disse filha querida
Eu dava tu por perdida
Por onde foi que andou?

Ela nada respondeu
Pois falar não consegui
Uma carta na mão dela
Dona Maria ali viu
Endereçada a Roberto
Por ter um correio perto
Mandou logo prá o Rio

Mais tarde chegou o velho
Com fome, triste, cansado
De procurar pela filha
Sem ter nenhum resultado
A velha disse lá fora
Guiomar chegou agora
Dá pena vê seu estado

O velho sem perder tempo
Chamou o Doutor Durval
Para vê se sua filha
Voltava ao normal
Prevendo qualquer perigo
Com medo que o artigo
Saisse pelo jornal

Guiomar deixou as farras
Nunca mais falou besteira
Da carta de Satanás
Ela foi a mensageira
Roberto leu direitinho
Enéias fez o Livrinho
Está vendendo na Feira

Autor: APRIGIO MARQUES NETO

A Discussão da Freguêsa com o Caixeiro

Para início de conversa
Com os meus caros leitores
Escrevi essa história
Na qual não peço louvores
O julgamento da mesma
Ficará com os senhores

São coisas que acontecem
Em capital ou cidade
Com adulto com criança
Com gente de toda idade
Tôda hora tôdo dia
A mesma fatalidade

Era sábado, uma senhora
Se dirigiu para feira
No intuito de fazer compra
Dureu uma tarde inteira
Levava muito dinheiro
Prá casa trouxe besteira

O fracasso começou
Quando tomou o transporte
A saia dela prendeu
Foi puxar sofreu um corte
Era um carro muito velho
Desses que causam morte

Brigou com o cobrador
E o motorista Rabêlo
Na viagem desmanchou
O penteado do cabelo
Mesmo assim ela chegou
Lá no Mercado Modelo

Com muita dificuldade
O elevador descia
Porém foi interrompido
Porque faltou energia
Ela e outros passageiros
Sofreram a mesma agonia

Quando saiu de abafado
Lá na praça Cairu
Foi comer um vatapá
Misturado a caruru
Com efó e bem pimenta
E um pouco de angu

Depois de se alimentar
Pagou tudo e foi embora
Viú o povo no mercado
Com muito gosto comprando
No seu modo de pensar
Estava tudo agradando

Foi percorrer o mercado
Procurando o que comprar
De barraca em barraca
Ela só fazia olhar
As tabelinhas de preços
Era mesmo de amargar

A velha olhou na frente
E viu escrito um letreiro
Que o mesmo dizia
A casa do barateiro
Chegando junto falou
Me atenda aqui seu caixeiro

O caixeiro prontamente
Que deseja a senhora
Com muita delicadeza
Atenderei nesta hora
Temos de tudo de primeira
Para lhe servir agora

Primeiro quero saber
Quanto custa o toucinho
Eu não posso levar muito
Vou comprar um pedacinho
Pra botar na feijoada
Porém não quero fininho

O preço está na tabela
E não faço abatimento
Aqui pagamos imposto
É duro como cimento
Para a senhora saber
A base é trinta por cento

A velha ao nariz
Cheirou a mercadoria
Seu toucinho tá fedendo
Verdadeira porcaria
Esta bom de jogar fora
E não para a freguezia

Está bem minha senhora
Escolha outro produto
E para ver se lhe serve
Pode falar eu lhe escuto
Aqui vendemos de tudo
Vendemos até charuto

Agora o senhor me diga
Qual o preço do feijão
Se tiver podre não levo
Largo ai no balcão
O meu dinheiro é sangue
Não perco um só tostão

O caixeiro trouxe amostra
A velha viu não gostou
Esse feijão mixuruca
Tiraram verde ou maduro
Igual ao da vez passada
Botei no fogo Eucruou

O caixeiro calmamente
O produto devolveu
Porque naquelas alturas
O juízo ardeu
A velha pediu arroz
Prontamente êle atendeu

Esse arroz está quebrado
E não é do japonês
Você com esse meu filho
Não engana ao freguês
Se não tem nada prestando
Fecha as portas de uma vêz

A senhora escolha outra
Coisa que lhe contente
Preciso lhe despachar
No balcão tem muita gente
Temos vinho do Rio Grande
E gostosa aguardente

Moço não tomo eacheça
Eu gosto muito de pão
Faça o favor de mostrar
Aquela carne de sertão
Se tiver com mau cheiro
Por favor não traga não

O caixeiro ja danado
Traz a carne para ver
Ele esperava alguma
Coisa a velha vender
Porque êle já sentia
Sua cabeça doer

A velha pegou na carne
Disse que estava dura
Nem siquer sujou a mão
Com um pouco de gordura
Essa numa feijoada
É mesmo que comer pura

Agora faça o favor
Me mostre aquela linguiça
Ande logo vá ligeiro
Deixe de tanta preguiça
Só traga se for de porco
Se não a coisa enguiça

O caixeiro já prevendo
Que a velha não queria
Disse que era de cavalo
Morto na estribaria
Porque comeu capim quente
E bebeu a água fria

Estou vendo que não compro
Nada aqui nesta barraca
Tem choriça de cavalo
A carne parece de vaca
Estou vendo que hoje
Como um pedaço de jaca

Me mostre o bacalhau
Se for o da Noruega
Bacalhau do Rio Grande
Com a velha aqui não pega
Ande logo seu moleza
Não sou mulher de piéga

Senhora me trate melhor
Porque eu não sou caduco
Hoje não quero ficar
Com a senhora maluco
Isso é corvina amassada
Que vem lá de Pernambuco

O maluco é você
Quem a comadre da madrinha
Eu exijo mais respeito
Olhe bem sou mais velhinha
Se não eu encho seus olhos
Com um bocado de farinha

A senhora está enchendo
Desde que aqui chegou
Botou defeito em tudo
E aqui nada comprou
Ainda mais com essa cara
De quem comeu não gostou

O pessoal do mercado
Estavam olhando a tudo
Alguns davam risadas
O dono da casa mudo
Só quem não deu risada
Foi o caixeiro sizado

A velha se aborreceu
Lhe deu logo um calundu
Sentindo dor de barriga
Porque comeu o angu
Misturado com efó
Com pimenta e caruru

A velha então pediu
Me venda um sorrisal
O caixeiro respondeu
Aqui só vendemos sal
Não temos refrigerante
Nem água mineral

O caixeiro aborrecido
Antes estava sereno
A velha encheu o saco
O caso não foi pequeno
Então disse para a velha
Aqui vendemos veneno

A velha saiu danada
Foi comprar mais adiante
Já eram quase seis horas
O caixeiro radiante
Que se viu livre daquilo
Chateando a todo instante

A velha comprou mais caro
E não levou quase nada
Gastou o dinheiro todo
E não fez a feijoada
Sentiu dores de barriga
Tomando chá com torrada

Ela passou oito dias
Interna no hospital
Curando sua doença
Quase morre desse mal
Porque o caruru lhe deu
Infecção intestinal

Quando você for à feira
Não faça como a velhinha
Deixou de comprar barato
E gastou tudo que tinha
Que depois de tudo pronto
Estava faltando farinha

Senhores se os versos
Não lhe agradou em cheio
Da minha parte não posso
Dizer se é bonito ou feio
Se não puder convencer
Arranjarei outro meio

Amigos muito obrigado
Pelas vossas atenções
Reiteiro ardentes votos
Infinitos de emoções
Grato pela tolerância
Indo de adulto a infância
Os seus grandes corações

7334

Já estão à venda as hilariantes historias que
satisfarão aos mais exigentes leitores!

De MANOEL D'ALMEIDA FILHO:

«O Poder da Caridade»

«A Mulher que não negava o amor de Deus»

«Jesus e S. Pedro na casa dos Pobres»

«A Afilhada da Virgem da Conceição»

«A Beata Santa, ou o falso Cristo»

«O Exemplo de um Servo de Deus»

«O pai que quiz casar com a Filha»

De RODOLFO COELHO CAVALCANTE:

«O Homem que virou Mulher»

«Anedotas e Proezas de Bocage»

«A Moça que virou Cavalo»

De ANTONIO ALVES DA SILVA:

«Maria Besta Sabida»

«Clarindo, o Mascate Endiabrado»

«A Encruzilhada do Amor»

«As Palhaçadas de João Errado»

«Os Quatro Amigos Valentes»

«Entre o Amor e o Perigo»

«Amor de um Principe Valente»

De AUGUSTO FERRALUSO:

«Sacrificio de Mãe»

«Amor, Ciume e Loucura»

«A Historia da Princeza Corina»

«A Tragedia Brutal»

«O Socio do Diabo»

De VALERIANO FELIX DOS SANTOS:

«A Mulher que se Casou Dezoito Vezes»

«Correspondências Amorasas»

À venda com descontos especiais para Revendedo-
res na TIPOGRAFIA E LIVRARIA BAHIANA —
Pr. José de Alencar, 19, (Pelourinho) - Salvador-Bahia

Leia e propague: MODINHA - REVISTA - Uma revista de modínhas?

SNB